

## **INFORMÁTICA E ENSINO DE HISTÓRIA: CONSTRUINDO UMA NOVA CULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

**Marcio de Fátimo Tomaz**

Linha Saberes, Cultura e Práticas Escolares  
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado  
Universidade Federal do Paraná  
Email: [mftomaz@lycos.com](mailto:mftomaz@lycos.com)

### **INTRODUÇÃO**

A análise das relações estabelecidas no processo educacional dá conta de uma dilatada história na qual se manifestam, freqüentemente de forma correlata, uma ampla gama de interesses e intenções entre os grupos envolvidos. Professores, alunos, pais, patrões, o mercado de trabalho, enfim, grupos com interesses e expectativas divergentes em relação ao conhecimento que deve ser ensinado e aprendido na escola.

Como analisar o quanto uma prática pedagógica, auxiliada pelo computador, pode melhorar a qualidade desse conhecimento? Para cada grupo citado, há uma noção do que vem a ser essa “qualidade no ensino”.

O professor, na expectativa de alavancar o interesse dos alunos por sua disciplina e conteúdo, acaba lançando mão, durante o processo de ensino - até mesmo de forma inconsciente - de elementos como por exemplo, o clima sócio-emocional da classe, os variados estilos de ensino e suas repercussões sobre a aprendizagem, dentre outros que acabam por definir uma maior ou menor aprendizagem do conteúdo. Estes fatores, aliados a uma necessidade de contínua atualização dos instrumentos e recursos de ensino, levam o educador a esbarrar em questões que por vezes fogem da sua alçada, como a ausência de uma formação sólida em uso de novas tecnologias durante sua graduação que pode levá-lo a desistir de optar pelo uso dessa ferramenta como um recurso pedagógico.

Qual seria então, a proposta pedagógica a ser apresentada já na formação inicial de professores por aqueles que querem associar o processo de ensino ao uso das novas tecnologias e qual seria seu plano de ação para incluir o computador em sala de aula sem gerar um distanciamento entre a prática ideal de ensino (pensada com o uso da tecnologia) e a prática efetiva (aquela produzida pelo professor no cotidiano escolar)?

Se traçarmos, numa perspectiva histórica, a evolução do uso de novas tecnologias aplicadas ao ensino, notamos que a informatização – e a informática aplicada à educação - é o pólo mais atual dessa evolução. O que pretendemos apresentar são considerações acerca de estratégias para uma utilização adequada e fértil das inúmeras possibilidades que essa tecnologia nos apresenta, especificamente para o ensino da disciplina de História.

A utilização da informática no Brasil já vinha se generalizando nas universidades e em centros de pesquisa e, como resultado de muitas tentativas, começou a penetrar no ensino fundamental e médio, inicialmente nas escolas privadas, mas agora tendendo a generalizar-se para os diferentes sistemas de ensino.

A necessidade de se criar instrumentos acessíveis (leia-se aqui especificamente softwares educacionais), com conteúdos plausíveis, em meio eletrônico, que auxiliem o professor no exercício da docência, é um dos fatores que muitos pesquisadores das novas tecnologias enfatizam como condição para melhorar o aprendizado escolar, a partir de uma pedagogia pautada pelo uso do computador. Podemos considerar que este ponto já é consenso entre os defensores dessas tecnologias, o que precisamos buscar é a maneira mais adequada de inclusão do computador no processo de didatização dos conteúdos específicos da disciplina de História, tendo em vista a criação de não só de um novo “*habitus*” na prática profissional docente (que incorpore essa tecnologia no conjunto de regras de funcionamento da construção de determinado tipo de saber), mas que entregue ao professor os meios capazes de realizar essa inclusão, já durante sua formação profissional.

#### **SOBRE UMA NOVA CULTURA DIDÁTICA**

O professor que atua hoje nos diferentes sistemas de ensino está imbuído de formas de trabalho de um sistema educacional no qual os padrões de prática pedagógica constituem-se em padrões herdados, frutos de uma construção de muitos anos, e que compõem uma determinada cultura escolar, não conseguindo incluir facilmente o “novo” em sala de aula pela falta de uma base estruturante - que também dependeria, em parte, da sua formação inicial. Haveria necessidade de uma construção anterior que lhe mostrasse caminhos para novas experiências durante a transposição didática.

Na análise de alguns escritos sobre as contribuições de Bourdieu, usando alguns de seus conceitos para examinar questões no âmbito da formação docente e da identidade do cidadão ‘professor’, vamos perceber que o *habitus* pode ser entendido

como o processo responsável pela mediação entre relações objetivas e comportamentos individuais. É através dele que o indivíduo vai acabar interiorizando as condições objetivas e estruturantes de sua identidade e que serão aceitas socialmente como práticas individuais, ou como escreve HARKER “... o *habitus* é a forma pela qual uma cultura é corporificada no indivíduo. A relação com o processo de escolarização é estabelecida quando se compreende que alguns *habitus* constituem capital cultural naquilo que envolve a escola, e portanto, são reforçados com o “êxito”, enquanto outros, não.”<sup>1</sup>, assim, devemos considerar que o profissional “professor” enquanto indivíduo vai construir sua identidade a partir de determinadas construções já estabelecidas e aceitas no campo educacional como aquelas que sempre tiveram êxito e ensinaram as gerações anteriores, contrapondo àquelas que procuram introduzir novidades no campo, sem apresentar contudo estudos que comprovem sua eficácia no processo de ensino/aprendizagem, e é necessário observar que as ações didáticas desse profissional em formação acabam sendo marcadas por essas predisposições do entorno do meio educacional.

Por outro lado, também com apoio dos conceitos apresentados por Bourdieu em algumas de suas obras, pode-se reconhecer que os centros do poder continuam existindo através da concentração de capital (cultural por exemplo) e os monopólios financeiros, e a escola e todo o sistema de ensino, acabam sendo efetivamente impregnados pelas decisões que esses centros de poder e o próprio mercado lhe imputam enquanto meio de reprodução de uma ordem estabelecida, o que em outras áreas acaba influenciando inclusive no processo de formação de recursos humanos.

Em seu artigo HARKER (1990) já nos alerta que “o capital cultural dominante atua como um efeito multiplicador sobre o capital educacional”<sup>2</sup>, quando se leva em conta a questão de acesso ao mercado de trabalho ou a apropriação de níveis de conhecimento mais elevados do que aquele da cultura de origem. Levando essa consideração mais adiante, podemos dizer que ela também pode ser observada no processo de formação docente e a cobrança que recai sobre o futuro professor quanto à modernização e eficácia das formas de transmissão de um capital cultural socialmente aceito e referendado para níveis culturais distintos, observando a realidade que envolve esse processo e como a tecnologia pode auxiliar nessa mudança.

---

<sup>1</sup> HARKER, R.K. op.cit. p.80

<sup>2</sup> Idem. op.cit. p.87.

Levando essas considerações para a formação de professores no momento atual, MERCADO (2002) nos diz que:

A reflexão, como princípio didático, é fundamental em qualquer metodologia, levando o sujeito a repensar o processo do qual participa dentro da escola como docente. A formação deve considerar a realidade em que o docente trabalha, suas ansiedades, suas deficiências e dificuldades encontradas no trabalho, para que consiga visualizar a tecnologia como uma ajuda e vir, realmente a utilizar-se dela de forma consciente. (MERCADO, p.21).

O embate entre o modelo tradicional de se ensinar e as novas propostas que surgem continua existindo no campo das imagens ligadas a grupos e indivíduos que tentam se afirmar através do uso dessas novas tecnologias ou contra elas.

Essa luta se manifesta numa guerra de estereótipos entre os saberes instituídos por grupos representativos desses mesmos saberes para serem vistos e considerados como desejam, em outras palavras, para a afirmação de suas identidades a começar pelo discurso pró ou contra o uso dessas novas ferramentas.

Outro ponto importante nos escritos de Bourdieu trata da idéia de **reprodução** presente no *habitus* que não deve ser desconsiderada sob o argumento de que vivemos numa sociedade individualizada. O acesso a níveis diferentes de elementos culturais oriundos da experiência e herança social que cada classe dispõe a seus sucessores está presente nas representações, apropriações e uso que cada um desses “herdeiros da cultura” faz durante a construção de seus saberes para a vida.

Não devemos esquecer a importância de mostrar a existência e aumento das **diferenças** sociais na sociedade atual, na qual a valorização da informação e os processos de aquisição do conhecimento assumem grande importância, exigindo um cidadão mais apto para viver no mundo globalizado, o que inclui o fato de que tenha seu cotidiano mediatizado pela tecnologia. O aumento da exclusão social, deixando para traz aqueles que não tem acesso a esse processo de formação do novo cidadão global, traz efeitos negativos imensuráveis para toda a sociedade.

### **FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA: NECESSIDADES DE UM CAMPO**

Se levarmos em conta que a informática (por meio da Internet ou Intranet) é hoje um grande veículo de comunicação e que gera grande curiosidade naqueles que ainda não conseguiram acessar esse mundo da tecnologia, tal ferramenta aplicada à educação

pode ser de grande relevância para o campo de conhecimento da História se for elaborada e utilizada de forma satisfatória. A questão que se levanta é: como transformar esse acesso à tecnologia computacional em fonte de construção de um saber, com apoio e ciência de professores e alunos?

Um objetivo claro seria a construção de ferramentas (softwares educacionais) e bases sólidas já na formação inicial dos professores, para a utilização de uma pedagogia auxiliada pelo uso do computador com instrumentos eficazes e de fácil assimilação/utilização, que leve o professor a trabalhar com essa ferramenta (o computador) em suas práticas de ensino, sem a necessidade de maiores conhecimentos específicos em programação de computador ou outra linguagem informacional para o desenvolvimento de sua atividade. O professor não aprendeu a construir o quadro-negro ou a fabricar o giz para desenvolver sua prática diária: não se poderia pensar de forma similar para uma real introdução do computador em sala de aula?

A escola vive, muitas vezes, angústias disfarçadas e tenta exorcizá-las como pode. O advento de tecnologias sofisticadas não contribui para tranquilizar o professor, que vive relações ambivalentes de amor-ódio com os meios técnicos que garantem tornar a prática operacional para o uso cotidiano das novas tecnologias mais fácil, mas acabam por exigir do professor habilidades até então desnecessárias e que lhe causam ansiedade. Cabe àqueles que se propõe a construir uma nova prática pedagógica, divertida e produtiva, minimizar essas angústias e apresentar fatores que levem o professor a repensar a atualização de seu trabalho de forma prazerosa e satisfatória, e que ele possa analisar a contribuição efetiva que esta nova prática acrescentará ao processo de ensino/aprendizagem.

Essa angústia que a escola vive pode ser percebida também no cotidiano do professor de História, assim, segundo SCHMIDT (1998):

O professor de História, por sua vez preocupa-se em exteriorizar o que sabe, tornar explícito o seu pensamento e a sua emoção. Ao mesmo tempo, ele vive a insegurança em relação à juventude dos seus próprios alunos e à defasagem entre sua própria formação e o aceleração contínuo dos novos estudos e pesquisas do conhecimento histórico. (SCHMIDT, p. 56).

Inserir o computador nas salas de aula sem ter idéia da metodologia que o seu uso exige pode ser frustrante. Se a máquina não for provida de programas ou *softwares* condizentes com a uma possibilidade de adaptação que não exija conhecimentos

técnicos aprofundados na área tecnológica por parte de seus usuários, o computador não passará de uma tecnologia inútil. Por isso surge a necessidade do professor, quer seja na sua formação inicial ou na atualização de sua vida profissional, ser provido de um embasamento sólido para a concreta e eficaz utilização e sobretudo, incorporação dessa ferramenta na sua prática pedagógica diária.

Como cita LOLLINI, “a necessidade de acompanhar o passo dos tempos, o medo de ter de fazê-lo por obrigação, a louvável prudência dos educadores mostram que é possível percorrer essa estrada de compromisso que tem pouco a ver com a informática...”<sup>3</sup>. O medo de alguns professores em ter que aprender conteúdos que antes eram desnecessários (como a educação em informática) e que necessitam de conhecimentos técnicos específicos, antes nunca postos durante a construção de sua prática profissional, pode gerar conflitos interiores inimagináveis. Sem contar que uma educação voltada ao uso da informática e seus aplicativos, nos moldes atuais, vai exigir uma constantemente atualização desses conhecimentos, consumindo um tempo nem sempre disponível pelo professor.

Assim, a escola como um todo deve participar desse processo de interação da nova tecnologia informacional e da construção dessa nova prática educativa. Não só professores e a administração, mas toda a cultura sócio-educacional está envolvida nesse processo de produção de um sistema de ensino que inclua a informática enquanto auxílio pedagógico, que deve ser visto como um aliado na reformulação do processo educativo.

O ensino de História auxiliado pela informática deve ser construído dentro desse espaço, entendendo-se que será sempre afetado pelo conjunto de fatores que influenciam o campo educacional. Se a estrutura que sustenta uma escola é constituída em diferentes âmbitos - físico, administrativo e social - não se pode estudar um ou outro isoladamente e a construção de um novo processo pedagógico baseado no uso do computador deve estar relacionado a todos eles.

Em qualquer transformação da prática pedagógica, o professor é a figura central. A informática deve ser vista como um recurso auxiliar e nunca substitutivo do professor. A escola, os alunos, todos interagem no processo pedagógico, mas o professor é que vai avaliar como e quando o conteúdo vai ser ensinado e é ele que

---

<sup>3</sup> LOLLINI, P. op. cit. p.27.

decide como fazer com que esse conteúdo seja interpretado e aprendido de maneira adequada e significativa.

### **SOFTWARES EDUCACIONAIS E AS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO**

O produto de um trabalho voltado ao uso do computador dentro da sala de aula é plausível e atraente quando possuir uma fundamentação sólida que o torne prático e realizável e que sirvam para colocar o professor para vivenciar outras formas de trabalho didático já na sua formação inicial e/ou continuada, fazendo-o incorporar a informática como uma possibilidade interessante da qual poderá lançar mão quando for conveniente para seus objetivos de ensino.

Ao contrário de tentativas frustradas do uso de outras tecnologias como a televisão, retroprojetor, projetor de slides, que se demonstraram inertes na produção de um processo mais interativo de construção do saber em sala de aula, a educação (nesse caso específico, no ensino da disciplina de História) baseada na informática pode se utilizar de recursos, programas e linguagens que possam ser efetivamente apropriados, tanto pelo professor como pelo aluno.

A integração dos conteúdos com as novas tecnologias e o uso de softwares educacionais como ferramentas didático-pedagógicas inseridas gradualmente no cotidiano da sala de aula exige uma reflexão sistemática acerca de seus objetivos, das técnicas de sua elaboração/construção, dos conteúdos escolhidos e transpostos para esse novo meio.

Com o advento das novas tecnologias no campo educacional, novas formas de aprender e de ensinar são exigidas; como nos mostra MERCADO (2002) “novas formas de realizar o trabalho pedagógico são necessárias e fundamentalmente, é necessário formar continuamente o novo professor para atuar nesse ambiente telemático, em que a tecnologia serve como mediador do processo ensino-aprendizagem”.<sup>4</sup>

A construção dessa nova prática educacional pode vir a gerar resultados animadores na transformação de uma grande quantidade de dados (apresentados no formato de livros didáticos e textos de apoio) em informações pertinentes, com conteúdos bem delineados, formatados em programas aceitos, aprovados e construídos em colaboração com toda a comunidade escolar para um ensino apoiado no uso das novas tecnologias aplicadas à educação. Esse é o desafio do educador das próximas

---

<sup>4</sup> MERCADO, L.P.L. op cit. p. 15

gerações, dar significado a informação e conseqüentemente, reinventar a importância do papel da escola nessa sociedade mediada pela importância do conhecimento adquirido, ou a importância da escola na Sociedade da Informação.

Os conceitos que circulam no meio social, de forma ampla, também impregnam os discursos no meio educacional, e assim, palavras como racionalização, eficácia, e agora, informatização, entram no mundo escolar, são “filtrados” por ele e aplicados na educação.

NÓVOA diz que durante muito tempo “produzir inovação era conceber e implementar reformas estruturais do sistema educativo ou desenvolver e aplicar novos métodos e técnicas pedagógicas na sala de aula”.<sup>5</sup> Mais adiante, o autor diz que o inovar é mais um processo de “criar condições organizacionais para que a inovação aconteça”.<sup>6</sup>

Assim, a escola como um todo deve participar desse processo de interação da nova tecnologia informacional e da construção dessa nova prática educativa. Não só professores e a administração, mas toda a cultura sócio-educacional, bem como aqueles que se propõe a colaborar nesse sistema cultural, quer através da elaboração de softwares educacionais, quer com trabalhos que visem à inclusão das novas tecnologias no meio educacional, devem estar envolvidos nesse processo de produção de bases para a reformulação do sistema de ensino que abra espaço para o uso da informática no dia a dia da sala de aula devendo a informática ser vista como uma aliada na disseminação de práticas que irão contribuir para a construção lenta e gradual de uma nova cultura dentro do processo educativo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, F. J. **Educação e informática: os computadores na escola.** São Paulo : Cortez, 1987. 104p.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo : Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas - Sobre a teoria da ação.** Campinas : Papyrus, 1996.

BOSSUET, G. **O computador na escola: sistema LOGO.** Porto Alegre : Artes Médicas, 1985. 182p.

---

<sup>5</sup> NÓVOA, A. op. cit . p.40.

<sup>6</sup> Ibid. p. 41.

- COLL, C.; SOLÉ, I. A interação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. In: COLL, C.; PALACIUS, J.; MARCHESI, A. (Org.) **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996. p.281-297
- COTRIM, G.; PARISI, M. **Fundamentos da educação**. São Paulo : Saraiva, 1984. p.303-317.
- HARKER, R.H. Reprodução, habitus e educação. **Teoria & Educação**, n.1, Porto Alegre : Pannonica Editora, 1990, p. 79-92
- LOLLINI, P. **Didática&computador**: quando e como a informática na escola. São Paulo : Loyola, 1991 . 243 p.
- LUCENA, C.; FUKS, H. **A educação na era da Internet**. Rio de Janeiro : Clube do Futuro, 2000. 160 p.
- MERCADO, L.P.L. (Org). **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió : EDUFAL, 1999. 176p.
- \_\_\_\_\_. (Org). **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió : EDUFAL, 2002. 210p.
- MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto : Porto Editora, 1992. p.113-140
- MORAN, J.M. et all. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 5.ed. Campinas : Papyrus, 2000. 173p.
- NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa : Dom Quixote, 1992 . p.13-43.
- OLIVEIRA, C.C. et all. **Ambientes informatizados de aprendizagem**: produção e avaliação de software educativo. Campinas : Papyrus, 2001. 144p.
- OLIVEIRA, N.R. A escola, esse mundo estranho. In: PUCCI, B.(Org.). **Teoria crítica e educação**. 2.ed. Petrópolis : Vozes/Edufiscar, 1995. p.123-138.
- ORTIZ, Renato – **Pierre Bourdieu**. São Paulo : Ática, 1994.
- PERRENOUD, P. Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, A.; NÓVOA, A. **Avaliações em educação**: novas perspectivas. Porto : Porto Editora, 1993. p.171-189.
- \_\_\_\_\_. Práticas pedagógicas e profissão docente: três facetas. In: (\_\_\_\_). **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa : Dom Quixote, 1993. p.19-31.

SCHMIDT, M.A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In:  
BITTENCOURT, C.(Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2.ed. São Paulo :  
Contexto, 1998. p.54-66.